

LIVRO LIVRE

Francisco Bairrão Ruivo
Danuta Wojciechowska
Joana Paz

Personaliza esta capa e acrescenta o teu nome

Cola aqui a tua foto

TU ENQUANTO AUTOR DES

Regista aqui uma breve biografia
para a posteridade...

Regista aqui uma breve biografia
para a posteridade...

Introdução

O 25 de Abril D
falar





Introdução

O 25 de Abril! De certeza que já ouviste falar sobre esta data. Mas o que significa realmente? O que aconteceu nesse dia?

Já pensaste como era o teu país antes do 25 de Abril de 1974? E que tens à tua volta pessoas que viveram este acontecimento? Que existe um antes e um depois dessa data? Foi um momento fundamental na História de Portugal: a viragem da ditadura para a democracia começou nessa madrugada!

Com um pé no passado e outro no futuro, este livro pretende desafiar-te a descobrir o que foi viver num país sem liberdade, para valorizares e celebrares o que temos de mais importante agora. Um país onde a democracia, direitos e liberdades são garantidos pela Constituição é a grande herança do 25 de Abril. Se temos hoje o privilégio de usufruir

de tudo isto, cabe-nos a responsabilidade de preservar este legado democrático, empenhando-nos na sua defesa e no seu aperfeiçoamento.

O *Livro Livre* ajuda-te a fazer tudo isto. Ajuda-te a conhecer o passado, o que mudou e como chegámos aos dias de hoje. É também um espaço para recolheres testemunhos e memórias desse tempo: procura no teu bairro, na tua vila ou cidade, na tua escola; entre os teus pais, avós, professores, vizinhos e amigos mais velhos. Ouve as suas histórias e regista estas experiências.

O 25 de Abril foi um marco tão importante e único da nossa História recente que não devemos desperdiçar a oportunidade de ouvir quem o viveu.

Então, mãos à obra! Vamos começar?

Antes do 25 de Abril...

Portugal, o mundo e a vida das pessoas eram muito diferentes. Vivia-se num país mais triste, desigual, pobre e injusto do que hoje, muito atrasado em relação a vários países europeus. Vivia-se numa ditadura: o Estado Novo. Isto quer dizer que, entre outras coisas, não havia as liberdades e os direitos que temos hoje. Sabias, por exemplo, que as pessoas podiam ser levadas pela polícia ou até ser presas por criticarem o Governo?

Entre a I e a II Guerra Mundial, a Europa viu surgir em países como Portugal, Espanha, Itália ou Alemanha, ditaduras de direita, embora com várias diferenças entre elas. No nosso país, em 1926, tomou o poder uma ditadura militar que viria a dar origem ao regime político chamado Estado Novo, que duraria até 1974. Este era liderado por António de Oliveira Salazar que era o Presidente do Conselho (hoje diz-se «Primeiro-ministro») e que, em 1968, foi substituído por Marcelo Caetano. Entre 1932 e 1974, Portugal teve apenas estes dois chefes de Governo!

Foram tempos difíceis: o país, essencialmente agrícola, era subdesenvolvido, fechado ao mundo e, a partir do início dos anos 60,

em guerra. Grande parte da população tinha dificuldades de subsistência e pouco acesso a cuidados médicos. Muitos viviam em casas sem eletricidade, água canalizada ou esgotos, as condições de trabalho eram bastante precárias, o analfabetismo elevado, poucos estudavam além da quarta classe ou iam para a Universidade. Para um grande número de portugueses apenas restava emigrar e tentar a sorte noutros países.

No entanto, ao longo dos anos, houve quem tentasse mudar a situação e derrubar esta ditadura, o que era verdadeiramente difícil. Muitos destes homens e mulheres foram perseguidos pela PIDE. As pessoas não podiam votar da mesma forma que hoje o fazemos e os resultados das eleições eram falsificados.

Por outro lado, o país tinha colónias, territórios longínquos que eram governados por Portugal. Contudo, as suas populações queriam ser livres e estavam dispostas a lutar pela independência, tendo assim dado início à guerra colonial. Poucos a compreendiam e apoiavam, especialmente no final dos anos 60 e início dos anos 70. Alguns militares que



combatiam na guerra eram os primeiros a estar contra esta. Queriam acabar com o conflito colonial, mas, para o fazer, tinham de derrubar a velha ditadura primeiro, nessa altura já chefiada por Marcelo Caetano.

Assim, abriu-se a porta à democracia e à liberdade, para um país mais igual, justo e desenvolvido. E, também, o caminho para acabar com a guerra e o colonialismo, e para a independência de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe¹.

Mas, mais do que contar-te o que aconteceu, queremos que sejas tu a descobrir, a formar a tua própria opinião sobre o Estado Novo e o 25 de Abril, a descobrir as diferenças entre o passado e o presente, o que mudou e como aqui chegámos...

¹ O caso de Timor, também uma colónia portuguesa, foi diferente dos outros porque foi invadido pela Indonésia, tornando-se independente apenas muitos anos depois.



A guerra colonial



ARTIGO 7.º

(RELAÇÕES INTERNACIONAIS)

«PORTUGAL REGE-SE NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS PELOS PRINCÍPIOS DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL, DO RESPEITO DOS DIREITOS DO HOMEM, DOS DIREITOS DOS POVOS, DA IGUALDADE ENTRE OS ESTADOS, A SOLUÇÃO PACÍFICA DOS CONFLITOS INTERNACIONAIS (...) PORTUGAL RECONHECE O DIREITO DOS POVOS À AUTODETERMINAÇÃO E INDEPENDÊNCIA (...)»²

Sabias que a guerra colonial foi um elemento fundamental na crise do Estado Novo e uma causa decisiva para o 25 de Abril? Antes desta data, Portugal recusava às suas colónias o direito à autodeterminação e à independência.

No país e no mundo eram, cada vez mais, aqueles que defendiam uma negociação com os países africanos colonizados por Portugal, duramente criticado pela comunidade internacional (pela ONU, por exemplo), por ter colónias e fazer a guerra.

Esta iniciou-se, primeiro, em Angola, em 1961. Depois alastrou à Guiné (1963) e a Moçambique (1964). Foi um momento terrível para africanos e portugueses. Milhares de pessoas morreram ou ficaram feridas e marcadas

física e psicologicamente para sempre.

Foi este conflito que colocou em definitivo as Forças Armadas contra o regime e, em particular, o Exército, por ser quem mais ativamente participava na guerra. Foram os próprios militares a defender o fim dos combates e a exigir uma solução política através de negociações. Assim surgiu o Movimento das Forças Armadas (MFA) que decidiu que, para acabar com a guerra colonial, era necessário acabar com o Estado Novo e derubar o Governo.

A seguir ao 25 de Abril nasceram, então, cinco novos países independentes: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

→ Conhecês alguém que tenha estado na guerra? Que experiências terá para contar? Faz uma entrevista a quem tenha vivido esta realidade, testemunhada do lado português ou do lado africano. Mas, atenção! Lembra-te que, para algumas pessoas, a memória da guerra é algo difícil de lidar. Podes, então, sugerir recolher o testemunho sem citares o seu nome, ou seja, anonimamente.

Onde esteve destacado? Durante quanto tempo?

Que idade tinha?



Qual a sua patente? Que funções desempenhava?

Onde estava no 25 de Abril?

Na madrugada de 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas (MFA) executou um golpe militar que derrubou o regime, praticamente sem violência e sem mortes.

O sinal para o arranque das operações militares foi a música «E depois do adeus», do cantor Paulo de Carvalho, transmitida na rádio, às 22h55. Mais tarde, às 00h20, foi emitida a canção «Grândola, vila morena», de José Afonso, dando indicação de que tudo estava a decorrer como previsto.

A partir das 11h00, as forças de Salgueiro Maia, o militar que comandava as operações naquela zona de Lisboa, dirigiram-se do Terreiro do Paço para o Largo do Carmo, onde estava refugiado o Presidente do Conselho, Marcelo Caetano. Tudo isto foi sendo presenciado na rua por multidões que, na manhã do dia 25 de Abril, se concentraram no Largo do Carmo onde assistiram à rendição do Governo.

O golpe decorreu de forma mais ou menos

pacífica, apesar da tensão e de alguns tiros disparados. Prova disso mesmo, foram os cravos distribuídos pelas pessoas aos soldados, ficando o 25 de Abril ligado a esta flor que será sempre, para os portugueses, símbolo da liberdade e da paz. Dias depois, largos milhares de pessoas celebravam apoteoticamente o 1.º de Maio, Dia do Trabalhador!

Depois de o Movimento das Forças Armadas derrubar o regime, foi criada a Junta de Salvação Nacional (JSN) e, dias mais tarde, o primeiro Governo provisório, ambos com a função de governar o país de acordo com um documento que se denominava «Programa do MFA» que, no essencial, apontava para três direções: «Democratizar, Descolonizar e Desenvolver». Na altura dizia-se os «três dê»s». Entre as primeiras medidas tomadas estiveram a extinção da PIDE/DGS, da Mocidade Portuguesa e da Legião Portuguesa, a abolição da censura, o reconhecimento da liberdade de expressão e de pensamento, e a libertação dos presos políticos.

→ **Encontra alguém que te possa contar a sua experiência desse dia. Sugerimos-te algumas perguntas para descobrires como tudo aconteceu.**

COLA AQUI A FOTO
DO TEU ENTREVISTADO



NOME

IDADE QUE TINHA
A 25 DE ABRIL DE 1974

ONDE MORAVA

PROFISSÃO QUE EXERCIA



Onde estava na
madrugada do
25 de Abril de 1974?

O que fazia
nesse momento?

A Constituição: os direitos e as liberdades fundamentais

➔ **ARTIGO 12.º**
(PRINCÍPIO DA UNIVERSALIDADE)
«TODOS OS CIDADÃOS GOZAM DOS DIREITOS E ESTÃO SUJEITOS AOS DEVERES CONSIGNADOS NA CONSTITUIÇÃO (...).»

➔ **ARTIGO 13.º**
(PRINCÍPIO DA IGUALDADE)
«TODOS OS CIDADÃOS TÊM A MESMA DIGNIDADE SOCIAL E SÃO IGUAIS PERANTE A LEI (...).»

A Constituição foi aprovada pela Assembleia Constituinte a 2 de abril de 1976 e, desde então, foram feitas algumas revisões. É a lei fundamental de um país e a base do estado democrático. Define o tipo de regime em que a nação vive, garante direitos e deveres de todas as pessoas, estipula as regras e a forma como o Presidente da República, a Assembleia da República, o Governo e os Tribunais devem atuar. Diz, por exemplo, que a República Portuguesa é um Estado de direito democrático, define as liberdades civis e políticas e garante, também, os direitos sociais.

A Constituição de 1976 veio substituir a Constituição de 1933, que era antidemocrática e apontava para um regime nacionalista, autoritário e corporativo.

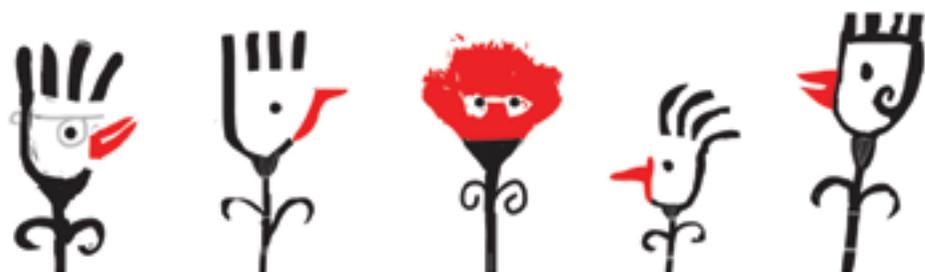
Infelizmente, porém, nem sempre o que está na Constituição é respeitado. A igualdade

de direitos ou a igualdade perante a lei nem sempre acontecem, mas deve ser essa a nossa aspiração.

É fundamental ter consciência dos nossos direitos, pois é preciso defendê-los diariamente, contribuindo assim, para melhorar a sociedade.

Conhecer o nosso passado sem democracia, direitos e liberdades pode alertar-nos para o risco de perdermos algumas destas conquistas históricas. Pode ser, também, uma forma de valorizarmos aquilo que tomamos como garantido e podemos usufruir nos dias de hoje. Quarenta anos parece muito tempo mas, na verdade, para a História de um país é pouco. Aquilo que demorou décadas a construir pode ser destruído muito rapidamente e compete a todos nós defender a nossa democracia e a nossa Constituição.

➔ Procura na Constituição³ o artigo 13.º (Princípio da igualdade). Que formas de discriminação identifica? Regista-as aqui.



³ (<http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepúblicaPortuguesa.aspx>)



Liberdade, segurança e direito à privacidade

ARTIGO 27.º
(DIREITO À LIBERDADE E À SEGURANÇA)
- TODOS TÊM DIREITO À LIBERDADE E À SEGURANÇA. NINGUÉM PODE SER TOTAL OU PARCIALMENTE PRIVADO DA LIBERDADE, A NÃO SER EM CONSEQUÊNCIA DE SENTENÇA JUDICIAL (...).>

ARTIGO 34.º
(INVIOGABILIDADE DO DOMÍLIO E DA CORRESPONDÊNCIA)
- O DOMÍLIO E O SIGILO DA CORRESPONDÊNCIA E DOS OUTROS MEIOS DE COMUNICAÇÃO PRIVADA SÃO INVIOGÁVEIS (...).>

ARTIGO 35.º
(UTILIZAÇÃO DA INFORMÁTICA)
- TODOS OS CIDADÃOS TÊM O DIREITO DE ACESSO AOS DADOS INFORMATIZADOS QUE LHEM DIGAM RESPEITO, PODENDO EXIGIR A SUA RECTIFICAÇÃO E ACTUALIZAÇÃO, E O DIREITO DE CONHECER A FINALIDADE A QUE SE DESTINAM (...).>

As forças de segurança servem para proteger os cidadãos, garantir a segurança, prevenir e combater crimes.

No passado não era bem assim. Havia uma polícia política, que ficou conhecida como PIDE¹, cuja missão era proteger o regime em vez de proteger o povo, ou seja, perseguir todos os que fossem considerados inimigos do Estado Novo. As suas funções eram de vigilância e investigação o que, na prática, se resumia a repressão e perseguição política.

Prendia, espancava, interrogava, torturava e usava a chantagem para obter informações pretendidas, confissões de culpa e denúncias. Por vezes, até matava. Recorria a escutas telefónicas, à violação da correspondência, a buscas nas casas, a informadores e à vigilância dos seus suspeitos, sobre quem elaborava ficheiros. As vítimas eram muitas vezes interrogadas sem a presença de um advogado.

Os agentes da PIDE podiam estar nos cafés, nas escolas, nas universidades, nos partidos, nas empresas. Podia ser um colega de trabalho, o engraxador, o empregado de café, o barbeiro. A privacidade das pessoas não era minimamente respeitada.

Porém, hoje, o Estado procura assegurar mecanismos que garantam o respeito pela privacidade e a proteção dos dados pessoais dos cidadãos.

¹ Entre 1934-1961 atuava-se Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE), em 1960 passou a chamar-se Polícia Internacional e de Defesa do Estado e, a partir de 1969, Direcção-geral de Segurança (DGS).

→ Para a maioria das pessoas, a PIDE será certamente lembrada como algo tenebroso. Conheces alguém que te possa contar a sua experiência com a PIDE? Entrevista-a, mas, atenção! Pode ser um assunto delicado...

Como se sentia a presença da PIDE no dia a dia?

O que o levava a recetar a PIDE?



Liberdade de movimento

ARTIGO 10.º
(LIBERDADE DE DELOCUÇÃO, ESTABILIDADE RESIDENCIAL)
- OS ESTADENSES E OS AJUNTADOS QUE SE ENCONTRAM NO TERRITÓRIO PORTUGAL GOZAM DOS DIREITOS E DEUTOS RELATIVOS AOS DEVERES DE CIDADÃO PORTUGUÊS.

ARTIGO 41.º
(DIREITO DE DELOCUÇÃO E DE EMIGRAÇÃO)
- A TODOS OS CIDADÃOS É GARANTIDO O DIREITO DE DELOCUÇÃO E PODEREM EXERCER O DIREITO DE DELOCUÇÃO PARA O TERRITÓRIO NACIONAL, A TODOS É GARANTIDO O DIREITO DE EMIGRAR DO SEU PAÍS DO TERRITÓRIO NACIONAL E O DIREITO DE REEMIGRAR.

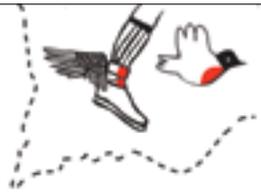
Atualmente, qualquer cidadão português maior de idade tem a liberdade de sair ou entrar no seu país. Muitos tempos, porém, os movimentos eram limitados, pois nem todos tinham a possibilidade de ser um passageiro ou de viajar livremente para fora de Portugal. Assim, muitas pessoas saíam clandestinamente, «a saber», como se dizia na época. Alguns partiam para o exílio por motivos políticos, outros abandonaram o país por uma questão de sobrevivência, emigrando para fugir à pobreza. Infelizmente portugueses foram, por exemplo, para França, Suíça, EUA ou Alemanha. A grande maioria dos que partiam em péssimas condições de formação, sem dinheiro e, muitas vezes, sem trabalho garantido. Alguns permaneceram

em situação ilegal durante muito tempo. Por exemplo, em França, nos arredores de Paris, milhares de portugueses viviam nos bidonvilles, ou barracos de madeira, em péssimas condições.

Apesar de historicamente Portugal ser um país de emigração, a situação mudou. Depois disso, o nosso país mudou muitas vezes. Beneficiu de um trabalho e dos seus impostos e tem o dever de lhes proporcionar condições de vida dignas e o acesso aos direitos fundamentais.

Porém, continua a haver portugueses que partem à procura de melhor qualidade de vida e de trabalho, alguns deles possuem qualificações e especialidades.

→ Entrevista alguém que tenha emigrado à procura de melhores condições de vida. Ou, então, alguém que tenha vindo para Portugal pelas mesmas razões.



Como fica a experiência de um país novo?

Qual é grande dificuldade que enfrentas?

Se voltasse atrás no tempo, repetiria a experiência?

O que é ter um amigo?

Liberdade de imprensa

ARTIGO 28.º
(LIBERDADE DE IMPRENSA E MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL)
- GARANTE-SE A LIBERDADE DE IMPRENSA, (...) E O LIVRE ACÓSSO À LIBERDADE E À INDEPENDÊNCIA DOS DEBATES DE COMUNICAÇÃO SOCIAL.

EXAME PRÉVIO
DEMORADO
COMISSÃO DE LIBERDADE

A Constituição atual garante a liberdade de imprensa, isso significa que os meios de comunicação podem informar livremente os cidadãos. Mas há regras. Leis, instituições e tribunais controlam, previnem e punem quem comete acções ilegais ou notícias que não são verdadeiras.

pressos ou ao não condicionar de vida. Para controlar e que se exercita, o Estado Novo recorria à Censura. Nos jornais, existiam os jornais ou artigos que, depois de permitidos, eram enviados para o Exame Prévio onde funcionários recoravam com um lápis azul/verde o que não podia ser publicado.

Durante o Estado Novo, porém, a liberdade de informação dos jornais, rádio ou televisão estava extremamente limitada. Por exemplo, quase todos os críticos ao regime eram proibidos. Mais do que isso, muitas vezes tratavam, simplesmente, de não poder abordar assuntos considerados incómodos como a pobreza, o descontentamento dos

eram-se nem dos seus princípios, mas, também, informações sobre revoltas, lutas por direitos e pela liberdade. Nos últimos anos do regime, as perspetivas da Censura contrariavam-se nas lutas constantes, lutas pacíficas, críticas às Forças Armadas ou actividades de trabalhadores.

→ Recor com um lápis azul/pastel que tu achas que podem ser vistos pelo Censura.

mertos Igreja empregados suicídios casamento agricultores vítimas catástrofe tradição sem-abrigo comunismo autoridade todo cidade pátria império massacre eródica fascismo escola futebol república PIDE fátima governo corporativismo censura liberdade poder nação clandestinos manifestação pobreza desgraça revoltas paz lutas colónias desespero conservadora líder nazismo movimento associações independência repressão oposição

EXAME PRÉVIO

→ Estes copias do mesmo jornal têm um dia de diferença. Indica três aspectos que se distinguem.

EXAME PRÉVIO
AUTORIZADO
PARCIALMENTE
COMISSÃO DE LIBERDADE

EXAME PRÉVIO
PROIBIDO
COMISSÃO DE LIBERDADE

Direito à família

ARTIGO 36.º
(FAMÍLIA, CASAMENTO E INUNÇÃO)
- TODOS TÊM O DIREITO DE CONSTITUIR FAMÍLIA E DE CONTRAIR CASAMENTO EM CONDIÇÕES DE PLENA LIBERDADE (...).>

ARTIGO 41.º
(FAMÍLIA)
- A FAMÍLIA, COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL DA SOCIEDADE, TEM DIREITO À PROTEÇÃO DO ESTADO E DO ESTADO E À PROTEÇÃO DE TODAS AS CONDIÇÕES QUE PERMITAM A REALIZAÇÃO PESSOAL DOS SEUS MEMBROS (...).>

ARTIGO 64.º
(PATERNIDADE E MATERNIDADE)
- OS PAIS E AS MÃES TÊM DIREITO À PROTEÇÃO DO ESTADO E DO ESTADO NA REALIZAÇÃO DA SUA RESPONSABILIDADE ACORDA EM RELAÇÃO AOS FILHOS (...).>

A Constituição estipula que o Estado apoia as famílias, nomeadamente em casos de necessidade económica. Contudo, isso, garante a criação e o acesso a uma rede de creches e escolas, e apoiar os pais na educação dos filhos. Outra forma de apoio ocorre durante a gravidez e depois do parto, sendo o pai e a mãe temporariamente dispensados do trabalho.

Para o Estado Novo, a família era um dos pilares da sociedade. Mas isso não significava que as famílias, as crianças ou as situações de maternidade estivessem devidamente protegidas.

Hoje, a Constituição defende a não discriminação entre homens e mulheres, dando-lhes os mesmos direitos e deveres. Contudo, durante o Estado Novo, a situação da mulher e dos seus direitos era muito precária. Apesar de muitas mulheres, em virtude da sua posição de elevada desigualdade e sobrevivência em relação aos homens. O regime pretendia que as mulheres, especialmente as casadas, não trabalhassem e que a sua vida estivesse confinada à casa e ao trabalho doméstico. No entanto, as dificuldades económicas das famílias portuguesas começaram a ser objectos.



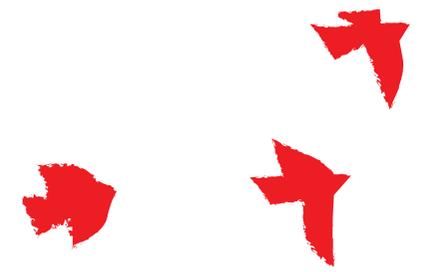
→ Entrevista uma mulher que tenha sido casada antes de 1974. Pode-lhe perguntar se o que mudou na situação das mulheres depois de 25 de Abril e o seu efeito sobre a família.

Que vida teve em 1974?

Que mudou?

Convite

LIVRO LIVRE



à comunidade educativa
para levarem este projeto para as escolas



Um projeto de educação para a cidadania com dimensão

Histórica

Cívica

Artística

Social

Pedagógica



Livro
Coautoria
Espaço de liberdade
Autonomia



Nasce em 25/4/2004

TI ENGANHO AUTOR DESTA LIVRO

Ola eu sou o David.
Eu gosto muito de escrever
e de ler.
Tambem gosto muito de
dançar e de representar.
Eu abo musica classica
e de tocar piano.

FIM!!!

LIVRO LIVRE

Francisco Esteban Ruiz
Danuta Wasieleski
Joana Pina
David Rodalvo

Antônio Gervásio estava a regressar
para a PIDE.



ANTÔNIO GERVÁSIO
FOTO TIRADA NA PIDE NA 1ª VISITA
EM 1947, AOS 20 ANOS.

Como se sentia a
presença da PIDE no
dia a dia?

O que o levava a
receber a PIDE?



Antônio Joaquim Gervásio 7.5.00 19527.



Foto de 1971 - tirada na PIDE. 11 anos



Passagem de testemunho

Motivação

Registo

- escrito
- gráfico
- fotográfico



Diálogos intergeracionais



→ Pergunta a alguém mais velho como vivia na sua infância: como era a sua casa, o que comia, se tinha água e electricidade facilmente disponíveis...

R: Eu vivia numa barraca, não tinha água nem luz o cardeiro era a água do poço, comia mais soba e assobelas. Ao pequeno almoço comia o que tinha. As 7 anos fui para escola. E já aos 8 anos comecei a trabalhar até aos 13 anos. As tardes guardo não tinha escola andava na carroça com o meu pai. As Manas fui trabalhar para Lisboa e aos 13 aprendi música.





Diálogos
interdisciplinarios

Minibiblioteca por um dia



as vozes
de uma
comunidade



Também temos disponível:

Formação para professores

que resultou da colaboração com a CMAlmada e o Centro de Formação Almada Forma

- Designação da ação de formação:
“História Contemporânea – Exploração didática do Livro-Livre”

Acreditação: CCPFC/ACC-77829/14

Modalidade: Curso formação – 15 horas – 0.6 UC

Destinatários: Educadores e Professores do Ensino Básico e Secundário.

25 de Abril?

...gada de 25 de Abril de 1974,
 ...o das Forças Armadas (MFA)
 ...golpe militar que derrubou
 ...ticamente sem violência e sem
 ...ara o arranque das operações
 ...a música «E depois do adeus»,
 ...ulo de Carvalho, transmitida
 ...2h55. Mais tarde, às 00h20, foi
 ...ção «Grândola, vila morena»,
 ...o, dando indicação de que tudo
 ...rer como previsto.
 ...s 11h00, as forças de Salgueiro
 ...r que comandava as operações
 ...de Lisboa, dirigiram-se do Ter
 ...para o Largo do Carmo, onde
 ...do o Presidente do Conselho,
 ...ano. Tudo isto foi sendo pre
 ...a por multidões que, na manhã
 ...Abril, se concentraram no Lar
 ...onde assistiram à rendição do

pacífica, apesar da tensão e de alguns tiros
 disparados. Prova disso mesmo, foram os cra
 vos distribuídos pelas pessoas aos soldados,
 ficando o 25 de Abril ligado a esta flor que
 será sempre, para os portugueses, símbolo
 da liberdade e da paz. Dias depois, largos
 milhares de pessoas celebravam espontanea
 mente o 1.º de Maio, Dia do Trabalhador!

Depois de o Movimento das Forças Arma
 das derrubar o regime, foi criada a Junta de
 Salvação Nacional (JSN) e, dias mais tarde,
 o primeiro Governo provisório, ambos com
 a função de governar o país de acordo com um
 documento que se denominava «Programa
 do MFA» que, no essencial, apontava para
 três direções: «Democratizar. Descolonizar
 e Desenvolver». Na altura dizia-se os «três
 dês». Entre as primeiras medidas tomadas
 estiveram a extinção da PIDE/DGS, da Mo
 cidade Portuguesa e da Legião Portuguesa,
 a abolição da censura, o reconhecimento da
 liberdade de expressão e de pensamento, e a
 libertação dos presos políticos.

NOME
 António Brandão S. Leitão

IDADE QUE TINHA
 A 25 DE ABRIL DE 1974 26 anos

ONDE MORAVA
 vivia como exilado político
 da ONU em Bruxelas

PROFISSÃO QUE EXERCIA
 Enfermeiro



Após a minha chegada e depois de algum tempo
 sem trabalho, vivendo em casa de outros exilados
 políticos portugueses, passando muitas privações,
 procurando comida em caixotes de lixo por vezes,
 consegui um excelente emprego, enfermeiro no Inst.
 Jules Bordet, um hospital de oncologia em Bruxelas.

Na madrugada de 25 de Abril, estava
 deitado, doente, acordado a ouvir a rádio
 belga.

Onde estava na
 madrugada do
 25 de Abril de 1974?

O que fazia
 nesse momento?

Como soube
o que estava
a acontecer?

Como reagiu?

Por volta das 5h da manhã, deram a

notícia de que estava em curso um golpe de estado
em Portugal!

Fiquei atento.

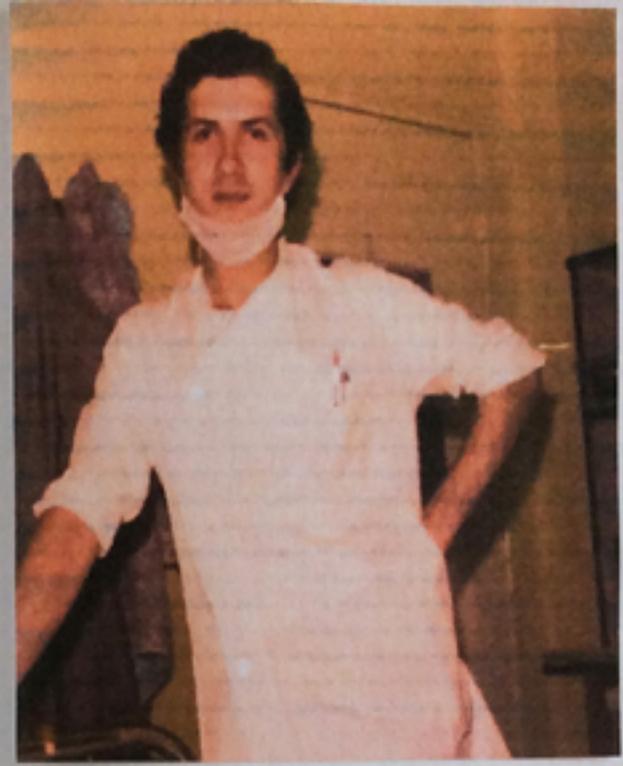
De 15 em 15 minutos repetiam a informação.

O que viu?

Não eram dados pormenores de qual o
tipo de golpe.

O que pensou?

Extrema-direita ou de esquerda?



Onde é que estávamos no 25 de Abril?
Estávamos, inteiros ou parciais,
no coração das sombras, cativos de
preconceitos e convenções. Todos, sem excepção.
De esquerda ou de direita. Nem de outra
poderia ser. Porque foi um momento
um trémulo momento, em que
de nós foi inútil ou insignificante.

Baptista-Bastos, entrevista com Manuel de Mello. O pulsar da
cronologia da Revolução de 25 de Abril (1973-1974)

Com q

Apesar de doente, levantei-me
e fui para um café português onde havia
televisão (que eu não tinha em casa).





O 25 de Abril mudou completamente o rumo da minha vida. Nunca mais voltei a ser o mesmo indivíduo. A aprendizagem política provocou uma revolução dentro de mim (...). Para quem nunca tinha vivido a política, foi uma experiência única. Eu sentia-me nos píncaros da lua.

(frase de) Rogério Dias de Sousa, in Francisco Martins Rodrigues, O futuro era agora: o movimento popular do 25 de Abril, 1984.



Para onde foi?

O que sentiu?

Era muito cedo, mas outros portugueses, e os donos do café, também tinham ouvido a rádio. Ficamos a ver as notícias ansiosos por perceber o que se estava a passar no mesmo querido país.

Todos tínhamos hipóteses...

Até que deram a notícia de que a música que tinha dado início ao golpe era "A Grandola Vila Morena". Todos demos um pulo de alegria e festejamos, era mesmo de esquerda, de libertação!

Nesse momento, o primeiro pensamento foi regressar ao meu país, era o que mais desejávamos.



Pensava não mais poder voltar a Portugal...
Se voltasse seria de novo preso.

A tarde, depois de conhecermos os contornos políticos do que acontecia em Portugal e de vermos que poderia existir a hipótese de regressar finalmente, convocámos uma reunião de todos os estados políticos na Bélgica, para um teatro de Bruxelas, no dia seguinte. Iriamos avaliar a forma de regresso.

O que mais o impressionou?

O que mudou para si nesse momento?

O momento mais marcante, foi nessa reunião, quando a maioria decidiu regressar.

Arrumei um pequeno saco das coisas mais importantes e voltei a Portugal em 10 de maio.

Quando cheguei ao aeroporto de Lisboa, tinha dezenas de amigos e familiares à minha espera, com as mãos cheias de cravos vermelhos.

Este foi o dia ambicionado, esperado durante anos, pela libertação do nosso povo. Depois dos dias do nascimento dos meus filhos, foi seguramente o dia mais feliz da minha vida!

Qual o momento mais marcante desse dia?

Acha que este foi um episódio importante na sua vida? Porquê?

Manhãzinha cedo (...), ligo o rádio e ouço: «Aqui, o Movimento das Forças Armadas, que resolveu libertar a Nação das forças que há muito a dominavam. Viva Portugal!» (...)
Sinto os olhos a desfazerem-se em lágrimas. Ainda assisti à morte deste maldito meio século de opressão. (...) Abro a janela e apetece-me berrar: acabou-se! (...) A televisão mostrou-me um dos mais belos momentos da História deste povo: a saída dos presos políticos de Caxias. (...) E o telefone toca, toca, toca... Juntámos as vozes na mesma alegria. Só é pena que os mortos nela PIDE não nos possam também telefonar. Saio de casa. E uma rapariga que não conheço,

